

As gangues no futebol

Notícia sobre a morte do segundo torcedor do Palmeiras, em São Paulo, por causa das batalhas campais feitas entre os torcedores corintianos e palmeirenses, assusta quando se dá conta de que este tipo de violência ainda impera e se espalhou pelo Brasil afora.

Malgrado o esforço da Polícia, do Ministério Público e da Justiça ao longo destes anos, essas brutalidades continuam existindo e ceifando vidas.

Em Minas Gerais, o clássico jogo entre o Cruzeiro e o Atlético Mineiro se dá ora com a torcida cruzeirense, ora com a do Galo Mineiro. Em Campinas, os tradicionais clubes Guarani e Ponte Preta decidiram que também haverá torcida única nos seus encontros. Essas foram soluções encontradas para evitar esses confrontos estúpidos entre gangues que se intitulam torcedores desses clubes. É lamentável constatar que os clubes de futebol tenham que procurar este tipo de expediente, conformados com a existência desses grupelhos de bandidos.

Aqui, no Rio Grande do Sul, também temos assistido torcidas organizadas compostas por facínoras e marginais. Chegou-se ao cúmulo de ver-se brigas entre torcidas do próprio clube, como já ocorreu no Internacional e no Grêmio.

O futebol, para nós, brasileiros, é repleto de signos sociais. Vibramos quando o nosso time sai vencedor. Sofremos quando ele perde uma partida ou um campeonato. Adoramos caçoar dos nossos adversários, como fazemos diariamente entre os simpatizantes da dupla Gre-Nal.

Em função desta nossa paixão, o futebol movimenta estupendos recursos financeiros com o pagamento dos jogadores, a manutenção dos clubes e todo o entorno de prestação de serviços e mercadorias envolvidas neste grande circo esportivo que tanto mobiliza a nossa população.

Esta rede de prestadores de serviços e de produtos envolvidos com o futebol é tamanha que se fez necessária, nos últimos anos, uma crescente e saudável profissionalização.

Entretanto, embora o profissionalismo envolvido para atender este entusiasmo do brasileiro pelo futebol, surgem, em todos os recantos de nosso País, esses parasitas sociais, de todas as idades e cores clubísticas, que transformam o torcedor do time adversário em um inimigo pessoal.

Esses malfetores sujam este belo esporte e, com seus recalques e frustrações pessoais, desvirtuam essa relação de amor do torcedor com o seu clube e de respeito com o time adversário.

Tenho convicção de que esses grupos são compostos, em sua massiva maioria, por pessoas fracassadas em níveis pessoal, profissional e social, que utilizam o futebol para liberar suas enormes frustrações. Esses indivíduos, percebe-se, são covardes patológicos que basicamente só agem em grupos e se prevalecem da fragilidade do outro a quem agridem.

Torçamos para que as pessoas saudáveis, que são praticamente a totalidade dos torcedores futebolísticos, consigam impor-se a esses nazifascistas obtusos.

Para isso, é imprescindível que os Poderes Públicos continuem a combater com firmeza esses incitadores de ódio pelo próximo, aliado à necessária mudança do Código Penal, que é deveras tolerante quanto à penalização destes e de outros crimes.

Rômulo de Jesus Dieguez de Freitas
Advogado Tributarista
romulo@maja.net.br